

ENTREVISTA*

O professor Manoel Cabral Machado estará completando 82 em outubro próximo. Oriundo da aristocracia rural sergipana, ele teve um papel muito importante na vida acadêmica e na política sergipanas. É considerado corretamente o pioneiro do ensino de Sociologia em Sergipe. Foi fundador de quatro faculdades em Aracaju (Filosofia, Serviço Social, Direito e Economia). Foi professor de Sociologia, primeiro, na Faculdade de Filosofia e, depois, no Departamento de Psicologia, Sociologia e Antropologia - não alcançando porém a criação do Departamento de Ciências Sociais da UFS. Ex-integralista, seu pensamento social foi fortemente marcado por intelectuais católicos do Brasil e do exterior. Enquanto membro do PSD, ele teve uma atuação de destaque na política sergipana desde o governo do interventor Maynard até o governo de Celso de Carvalho.

P.: Qual o ano, dia e local do seu nascimento?

R.: Eu nasci em Rosário do Catete (Sergipe), no dia 30. 10. 1916.

P.: Que escolas o Sr. freqüentou antes de ir estudar Direito em Salvador?

R.: Minha mãe me ensinou as primeiras letras. Em Capela eu freqüentei o Colégio Santa Inês (da Prof^a Adelina da Silva Vieira) e o Colégio São José (do padre José da Mota Cabral, meu tio). Em 1930 me mudei para Aracaju e estudei, primeiro, no Colégio Salesiano e, depois, no Atheneu.

P.: Professor, fale um pouco sobre sua formação em Sociologia, as obras que o senhor lia, seus interesses, os professores etc. Quando começou o seu interesse por essa disciplina...

(*) Entrevista concedida gentilmente pelo prof. Manoel Cabral Machado ao prof. Afonso Nascimento no dia 12 de outubro de 1997.

R.: Eu quero dizer o seguinte: meu primeiro contato com a Sociologia foi quando eu fiz o curso complementar de Direito. Naquele tempo, concluindo o ginásio em 1935, aqui no Atheneu Sergipense, pretendia estudar Direito. Segui para a Bahia a fim de prestar o exame vestibular para a Faculdade de Direito da Bahia. Acontece que, tendo em 1931 iniciado o curso com a nova reforma do ensino feita por Francisco Campos, o curso ginásial teria de ser realizado em dois tempos, com cinco anos e mais dois de complementar. Eram dois anos de curso complementar em três direções: Direito, Medicina e Engenharia. Desejando estudar Direito, teria que fazer o curso complementar pré-jurídico que àquele tempo não existia aqui em Sergipe. Desloquei-me então para Salvador, ou melhor, eu e outros colegas fomos a Salvador na tentativa de conseguir do Ministro da Educação que os concluintes dos cinco anos pudessem prestar o vestibular, uma vez que ainda os ginásios não estavam habilitados a organizar o curso complementar. Mas não conseguimos, apesar de estarmos preparados para o exame vestibular em 1935/1936. Estudei aqui para o vestibular com um grande professor de Português, José Augusto da Rocha Lima, que este ano está completando cem anos. Aguardei a instalação do curso pré-jurídico e fui estudar no Ginásio da Bahia. Então desloquei-me para a Salvador para fazer o vestibular, mas, não podendo prestar o exame pelo motivo da reforma do ensino, voltei para Capela, onde minha família residia. Tornei a ir a Salvador no início de 1936 matriculando-me no Ginásio da Bahia a fim de fazer o curso chamado pré-jurídico. Só dois estabelecimentos de ensino tinham o curso pré-jurídico para Medicina e Engenharia, que eram o Ginásio da Bahia e o Colégio dos Maristas. Fiquei no Ginásio da Bahia, enquanto outros colegas - inclusive Seixas Dórea, Fernando Maia - foram para o Colégio dos Maristas. É aí, no Ginásio da Bahia, fazendo o curso pré-jurídico, que veio o conhecimento da Sociologia. Eu não lembro se a Sociologia era ministrada no primeiro ou no segundo ano do curso pré-jurídico. A Sociologia do ginásial na Bahia era lecionada por um mestre extraordinário, Herbert Parente Fortes. Era piauiense e estudara Medicina. Depois resolvera ficar na Bahia onde fez concurso para outros estabelecimentos de ensino - inclusive para a Faculdade de Medicina. Foi um grande professor. Um professor extraordinário pela sua competência, o seu conhecimento de filosofia e de sociologia. Ele foi meu professor não somente de sociologia mas de filosofia. Naquele tempo a nossa sociologia daqui era incipiente. Era uma sociologia vinculada à escola

francesa, a escola de Durkheim. Professor Herbert era contrário ao pensamento de Durkheim. Defendia o pensamento tomista sobre o homem religioso. O sociólogo que ele apreciava naquele tempo era Simon Deployage, autor do grande livro **Les Conflits de la Morale et de la Sociologie**. Foi assim que tive conhecimento dos grandes pensadores da sociologia francesa que eram Deployage, o próprio Durkheim, Bouglé, Paul Bureau, Georges David, Armand Cuvillier e outros.

P.: *Esses eram os nomes mais importantes da época?*

R.: Na época era a sociologia francesa que tinha maior destaque entre nós. Ainda não se conhecia a sociologia alemã nem a sociologia americana. Esta última foi introduzida no Brasil pelo grande pensador e grande sociólogo Gilberto Freyre, que fez uma sociologia marcada pela pesquisa de campo.

P.: *Uma outra pergunta professor, ...*

R.: Então, com esse meu preparo de sociologia foi possível fazer bem o vestibular que, na Faculdade de Direito, exigia a Sociologia.

P.: *O ensino da Sociologia foi introduzido em quais cursos de nível superior e em quais cursos o senhor ensinou aqui em Aracaju.*

R.: Como disse, o meu estudo de sociologia me permitiu sair bem no vestibular. Devo inclusive acrescentar o seguinte: no exame vestibular eu consegui o segundo lugar da Faculdade de Direito. O primeiro lugar foi do meu colega e grande amigo Alberto Guerreiro Ramos, que depois se tornou um pensador social, escrevendo vários livros de sociologia. Formado em direito, vim para Sergipe. Aqui, inicialmente, comecei a ensinar Sociologia Educacional no Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Sociologia propriamente dita não ensinei em ginásio nessa época. Só depois, com a criação da Faculdade de Filosofia, é que eu fui professor de sociologia. Naquele tempo ela era uma cadeira de formação geral.

P.: *Em que ano foi isso?*

R.: Isso foi em 1951. O ano da criação da Faculdade de Filosofia.

P.: *Fale um pouco mais sobre sua relação com Alberto Guerreiro Ramos.*

R.: Nós fomos colegas na Faculdade de Direito. Ele era líder católico, discípulo de Jacques Maritain. Exercia o jornalismo, escrevendo n' A

Tarde. Fundou o Centro de Estudos Cristãos, do qual eu fui, por sinal, presidente. Depois se mudou para o Rio de Janeiro, onde virou nome nacional. É lá também onde ele pende para a Sociologia e para a Economia. Ali também entrou para a política. Foi membro do ISEB. Elegeu-se deputado federal pelo PTB. Foi cassado pelos militares e se exilou nos EUA, onde foi professor na Califórnia. Foi integralista.

P.: Depois o senhor permaneceu sempre ligado a Faculdade de Filosofia?

R.: Fiquei sempre ligado à Faculdade de Filosofia. Eu fui professor fundador da Faculdade de Direito, onde minha cadeira cativa era Direito Civil. Fui professor da Faculdade de Filosofia, sendo minhas cadeiras Sociologia e Filosofia. Fui professor da Faculdade de Serviço Social e minha cadeira aí era Sociologia. Finalmente, fui professor da Faculdade de Ciências Econômicas. Ensinava a cadeira Valor e Formação de Preços. Depois, deixei a Faculdade de Economia, aliás, fui demitido pelo ex-governador Leandro Maciel. Eu era deputado estadual, nesse tempo. Aquela faculdade fora criada pelo governo do Estado. Todos nós éramos professores nomeados sem concurso, bastando o currículo ser aprovado pelo Ministério da Educação. Ainda assim, Leandro Maciel demitiu toda a congregação. Mais precisamente, só aqueles professores que eram adversários políticos dele. Fui assim demitido da Faculdade de Ciências Econômicas. Para mim isso não trouxe constrangimento porque ensinava lá na ausência de um especialista ou de um conhecedor melhor das ciências econômicas. Também na Faculdade de Serviço Social fui professor fundador. Passei uns seis anos ensinando. Depois deixei para dedicar-me exclusivamente à Faculdade de Direito, lecionando o curso de Direito Civil, do segundo ano até o último, e na Faculdade de Filosofia, onde ensinei Sociologia. Fui professor de sociologia nessa Faculdade onde eu fiquei até ser criada a Universidade Federal de Sergipe.

P.: Quais eram os outros professores de Sociologia desse período inicial?

R.: Nesse período inicial, o Manuel Ribeiro deu algumas aulas de Sociologia, mas depois deixou. Fiquei só na antiga Faculdade Católica de Filosofia. Era uma Faculdade a que nós professores prestávamos um serviço público, com um ensino quase gratuito, visto que a Escola

não tinha recursos para pagar sequer o salário mínimo. Então o ensino era feito a título de colaboração para a educação de Sergipe.

P.: O padre Ovídio Valois é também dessa época ?

R.: Não. Padre Ovídio vem mais tarde. Ele já é próximo da criação da Universidade. A propósito, foi já no tempo de Ovídio Valois que eu fui convidado para examinar Sociologia em concurso para a Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia. Este foi o ponto mais alto de minha carreira universitária. O candidato à cadeira de Sociologia era o professor Machado Neto, que é um homem de alto mérito, inclusive na área do Direito. Foi especialista e professor de Introdução ao Direito na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia.

P.: Professor, qual era o conteúdo da disciplina Sociologia que o senhor ensinava?

R.: Os primeiros pontos eram matéria de conceitos, de introdução, fixação, a natureza da Sociologia como ciência, que tipo de ciência é, se ciência da cultura ou ciência da natureza, ciência como as outras etc. O grande debate era saber se a Sociologia era uma ciência experimental, ou se era uma ciência cultural ou ciência natural, ciência que estudava a realidade completa ou a ciência de uma criação humana, da cultura. Eu debatia esse ponto. Depois vinham os métodos da Sociologia. Mais tarde, estudávamos os detalhes dos grupos sociais, os tipos de classificação de grupos, os tipos de grupos, dando destaque, por exemplo, à família, ao Estado, ao grupo profissional, à sociologia global ,enfim, aos grupos fundamentais. Esse era o conteúdo da Sociologia naquele tempo. Essa nossa sociologia era uma sociologia mais teórica. Naquele tempo não havia uma preocupação com a pesquisa de campo, com a investigação concreta das coisas.

P.: E quais eram os centros de referência no Brasil e na região?

R.: O centro de referência principal era a Escola Paulista de Sociologia. Havia ainda a Escola de Sociologia do Rio de Janeiro, e, especialmente, a **Revista de Sociologia**. Eu não sei se hoje se publica essa revista de sociologia. Era publicada lá em São Paulo, uma revista muito boa. Não havia ponto de referência aqui no Nordeste maior, nem na Bahia, nem em Sergipe. Nós não tínhamos assim contato direto com professores de sociologia de outros estados. Com a criação da UFS é que os professores começaram a ser convidados para participar dos nossos concursos, é que vieram professores do Recife, etc.

P.: Como não havia ainda a institucionalização da disciplina sociologia, como era feita a nomeação do professor para a cadeira de Sociologia?

R.: No tempo da Faculdade de Filosofia, nós mandávamos nossos currícula vitae para o MEC e, com a sua aprovação, nós - professores e suplentes - passávamos a ser integrados. Isso anteriormente à criação da UFS. Já com a UFS os concursos eram feitos porque a Universidade, pagando, permitia que muitos candidatos viessem para aqui disputar as cátedras. Nesse tempo eu era já examinador e já estava como titular da cadeira de Sociologia da Universidade Federal de Sergipe. Então nós participávamos dos concursos como examinadores.

P.: Quais são os nomes que o senhor considera como precursores da Sociologia em Sergipe fora da academia?

R.: Fora da UFS, considero como precursor, antes de existir o ensino superior em Sergipe, Florentino Menezes. Aliás eu esqueci de fazer referência a Florentino Menezes. Ele foi professor de Sociologia do Atheneu Sergipense. Ele não foi meu professor. Ainda assim, quando estudava o curso ginásial no Atheneu Sergipense, no meu quinto ano, costumava assistir às aulas do professor Florentino Menezes. Isso em 1935. O professor Florentino Menezes foi um autodidata. Ele escreveu oito livros sobre Sociologia, inclusive um tratado de sociologia **A Escola Social Positiva**. Escreveu **Métodos na Sociologia**, bem como muitos opúsculos como **O Voto Secreto**, como **O Voto da Mulher**. Ele foi um grande estudioso dos problemas sociais e era um reformista. Tinha uma formação comtiana e spenceriana. Florentino era bem positivista e teve um papel destacado na formação da Sociologia. Mas não deixou discípulos por aqui. É entretanto possível considerar como discípulos dele Carlos Alberto Sampaio, que escreveu uma pequena monografia sobre Florentino Menezes, e Joel Silveira, que também escreveu um trabalho idêntico sobre o grande precursor da Sociologia em Sergipe. Os dois depois vão se dedicar a outras atividades. Joel Silveira foi para o Rio e aí se dedicou à atividade literária e Carlos Alberto voltou-se para o comércio e depois foi para o Tribunal de Contas.

P.: Como é que o professor de Sociologia era percebido por outros profissionais da academia?

R.: Não era uma situação de destaque maior. Era um professor como qualquer outro, de uma disciplina que estava a surgir e despertando o

interesse porque era uma ciência da sociedade. Uma ciência com objetivos reformistas, especialmente nessa época de Florentino Menezes, que tinha uma formação socialista. Ele tinha aspirações de mudanças sociais profundas na estrutura social. Mas os outros professores não faziam nenhuma discriminação contra o professor de sociologia nem pelo aspecto de destaque, nem por uma situação de inferioridade do sociólogo. Era um professor igual aos outros que ensinava uma ciência moderna.

P.: O Senhor mencionou antes que a Sociologia era muito teórica e muito pouco voltada para a pesquisa de campo. Por favor, fale um pouco sobre a pesquisa, a existência ou não de trabalhos empíricos, quando eles aparecem...

R.: Como disse antes, a nossa Sociologia era teórica. Nós estávamos ligados ao pensamento sociológico francês ou alemão, que são pensamentos dos fundamentos das aspirações da Sociologia, sem essa preocupação com a pesquisa. A grande sociologia de pesquisa, de trabalho de campo, é a sociologia americana. Ela afasta os problemas teóricos conceituais, filosóficos e metodológicos para dedicar-se à realização de levantamentos sociais. Estuda as estruturas sociais concretas, objetivas. Esse é o grande mérito da sociologia americana. Quem trouxe para cá esse método foi Gilberto Freyre. Antes vivíamos da inspiração francesa, e o Fernando Azevedo era o grande pensador do meu tempo na Sociologia. Escreveu **Elementos de Sociologia, Sociologia Educacional**. Não sei se me referi a Fernando Azevedo antes. Era professor lá em São Paulo e teve um destaque grande na formação de sociólogos, não só lá em São Paulo, mas no Brasil inteiro. Tem vários trabalhos publicados em sociologia, em literatura e em educação, inclusive **A Cultura Brasileira**, que é um livro marcante da história do pensamento social do Brasil, com enormes volumes, onde ele faz um levantamento cultural da nossa evolução.

P.: O senhor acompanhou a formação da graduação em Sociologia e a criação da Pós-Graduação em Ciências Sociais. Como é que observa esses dois cursos?

R.: Eles já são realizações da UFS. A Universidade teve um grande papel na criação do Departamento de Ciências Sociais. Começou a trazer professores mais novos mediante concursos públicos. Esse foi o grande papel da Universidade. Nos primeiros anos, nós fazíamos

concursos internos ou através de professores convidados. Esses convidados ficavam eternamente. Com os concursos, aqueles com maior capacidade é que iriam ser averbados. Vemos aí o papel de vários professores como Ovídio Valois, que foi professor do Departamento de Sociologia, e outros professores que eu não sei se ainda estão lá no Departamento. Eu não me recordo dos novos nomes que chegaram e que, através de concurso, se integraram ao Departamento de Ciências Sociais. Assim começou a mudar o rumo da Sociologia e surgiram especialistas no Departamento. Uma nova fase. Essa nova fase é importante porque, na verdade, nós, os professores antigos, éramos professores sem formação profissional em Sociologia. Nós éramos especialistas em outras ciências sociais. Assim, o Departamento começou a preparar sociólogos profissionais.

P.: Fale um pouco mais sobre a relação da Sociologia nesse período com outras disciplinas como Direito, História, Filosofia. Como é que era colocada a relação da Sociologia com outras disciplinas?

R.: Concluindo o pensamento anterior referente ao Departamento de Sociologia, esses novos professores deram à disciplina não somente uma dimensão profissional, mas, principalmente, uma conotação política. Eles tinham formação marxista, quase todos eles tinham formação marxista. Tinham essa posição de mudança da sociedade mediante a revolução. Esse era o caso de Tânia, Rosemiro.... Agora a sua pergunta... Eu acho que não havia muita ligação com os professores da Faculdade de Direito, especialmente da área próxima da Sociologia, ou seja, Introdução à Ciência do Direito ou mesmo Filosofia do Direito. Não sei se já havia a cadeira de Sociologia do Direito... Como disse, é a cadeira de Introdução a Ciência do Direito que se vinculava mais à Sociologia, porque o Direito tem que ser apreciado, desde a perspectiva sociológica, como uma ciência social. Isso aí teria uma ligação com a Sociologia Jurídica. Não havia muita ligação com professores da área da Faculdade de Filosofia ligados às Ciências Sociais. O professor de Introdução ao Estudo do Direito daquela época era um professor de formação antiga, Luís Pereira de Melo. Mas, apesar de haver essa vinculação entre professor de uma área com outra, inexistia qualquer ação comum entre dois. Nós, da área das ciências sociais, dávamos ênfase ao Direito como um fenômeno social. Não somente o direito visto como valor ou como norma, mas como fato social. O fato

social que teria que ser assumido por uma norma objetivando reger o comportamento humano. Era essa a visão que nós dávamos do Direito como uma ciência social.

P.: Nesse período em que o senhor ensinava e era pioneiro do ensino da Sociologia, as questões sociais também ecoavam um pouco no ensino dessa disciplina? Ou elas eram esvaziadas?

R.: Nós abordávamos também esses aspectos de conflitos sociais. Quando estudávamos as estruturas sociais, nós mostrávamos os problemas existentes na nossa sociedade e a necessidade de mudanças para que pudesse existir uma harmonia melhor entre as pessoas e entre os grupos sociais. O problema era que, enquanto nós, velhos professores, defendíamos as transformações sociais, as mudanças sociais, mas negávamos a revolução, ao contrário, os professores mais jovens achavam que essas mudanças eram paliativas, não eram suficientes. Teria que haver uma mudança total, em toda a estrutura, desde a base até a superestrutura, exatamente como no pensamento marxista, ou seja, uma revolução. Era através dessa ótica que nós víamos as dificuldades, os problemas, os conflitos sociais e a necessidade de alterações, ao passo que eles, os outros colegas mais novos, pregavam a mudança radical nessa época de muita transformação na sociedade brasileira. Daí acontecer a oposição entre o velho grupo, que queria tomar conhecimento dos problemas dos conflitos e das desarmonias sociais e estudava as possibilidades de alterações, das mudanças tomando por base a intervenção estatal como fator de mudança, enquanto o outro grupo, que entendia que a solução seria criar um novo Estado.

P.: Com a presença do grupo de professores jovens, há uma mudança em termos da orientação política no ensino da Sociologia, não é isso?

R.: Eu acho que houve uma mudança no ensino da Sociologia. É nessa fase que eu me afasto da Faculdade de Filosofia, ou melhor, que eu sou forçado a me afastar. Explico por que. Depois da inauguração da UFS, eu, já com certa idade, tinha muita dificuldade de ir para o Campus. Como eu não guio, ia eu pendurado num ônibus para ensinar todas as manhãs na Universidade. Tanto na Faculdade de Filosofia antiga, como na Faculdade de Direito. Todavia, com a criação do curso de direito noturno, chegara a minha vez de ensinar Direito Civil à noite.

Entendia que era uma ruptura na minha relação de emprego. Se eu ensinava de dia, como é que iria ensinar à noite? Principalmente, eu que estava numa fase de sessenta e tantos anos, quase setenta... Então, como ensinar à noite? Ensinar dois turnos? As minhas noites são para a minha mulher. E não para ir ensinar aos meus alunos. Já ensinava desde a fundação dos cursos superiores, já ensinava desde o ginásio, como é que eu ia voltar a ensinar à noite? Entendia até que os professores mais antigos deviam ser poupados da tarefa de ensinar à noite. Outro aspecto é o seguinte: fui um professor esmagado por muitas obrigações. Enquanto os meus colegas da Faculdade de Direito tinham obrigação de dar seis horas por semana, eu chegava a ensinar no Departamento de Sociologia vinte aulas por semana, fora as aulas da Faculdade de Direito. Então fui um professor esmagado por tantas aulas porque os professores mais novos pediam afastamento para realizar cursos de mestrado, de doutorado, ficando este velho professor com obrigação de assumir suas disciplinas. Mas um professor de 40 horas tem obrigação de dar a metade, vinte horas, além da preparação das aulas e da correção dos trabalhos realizados pelos alunos. Quando me designaram também para ensinar à noite, pedi minha aposentadoria, e aí perdi o contato com a Universidade. Eu perdi tanto o contato com a Universidade que deixei de ir lá, nunca mais fui lá. Fiquei desgostoso porque o ensino dava a mim um rejuvenescimento. O meu contato com os livros e especialmente com a juventude criavam em mim idealismo, desejo de trabalho, de pesquisa, de debate, já que eu sou um tipo assim polêmico, gosto muito do debate. Então, sinto que fui injustiçado, esmagado. Não fui mais lá. Depois, é que resolveram fazer homenagem a mim, como professor emérito da Universidade. Recebi aquela homenagem, mas ela não me aplacou a revolta de ter sido obrigado a deixar a atividade docente, mesmo com essa obrigação excessiva.

P.: Vamos falar um pouco sobre sua obra... Eu gostaria que o sr. falasse um pouco aquele seu trabalho sobre o sindicalismo em Sergipe... Existe algum outro trabalho que o sr. considera relevante para o conhecimento da realidade sergipana em termos sociológicos?

R.: Na verdade, eu não tenho trabalho relevante. O grande mérito desse trabalho meu de pesquisa sobre as lutas sociais, sobre as reivindicações operárias em Sergipe, é que eu tive oportunidade de fazer uma

pesquisa onde colhi informações dos líderes que estavam morrendo, dos velhos líderes. Como você sabe, esses reformadores, lutadores sociais, sindicalistas, etc., eram homens que pretendiam a mudança da sociedade, e não tinham oportunidade de ter os seus trabalhos ou eles mesmos serem conhecidos pela imprensa, pelo grande público. Eles eram homens do subterrâneo da sociedade, das lutas, etc. Pois bem, resolvi fazer uma pesquisa e, com ela, tive a oportunidade de conhecer muitos daqueles homens já envelhecidos, decepcionados... Então colhi esses dados e escrevi esse trabalho sobre o sindicalismo, as lutas sociais... Esse trabalho eu acho valioso por esse aspecto, pelo aspecto de ter conservado uma situação que ia se perder. Hoje, por exemplo, você não poderia mais fazer um trabalho desses, porque esses líderes estão mortos. Os jornais não guardaram os nomes deles. Outro trabalho que tem assim uma conotação sociológica é um estudo sobre a UFS, sua formação, sua origem etc. que eu deixei publicar. Publiquei na **Revista de Aracaju** um estudo sobre Fausto Cardoso, o papel dele na história sergipana, a sua tragédia, o seu pensamento político e social, esse grande e talentoso homem público do Brasil, que morreu aqui nessa revolução ingrata de 1906. Publiquei também um estudo sobre Gilberto Freyre na Revista do Instituto Joaquim Nabuco. Outro sobre Monsenhor Olímpio Campos e a política conservadora. Na **Revista da Faculdade de Direito**, publiquei sobre o pensamento filosófico de Fausto Cardoso, além de outros trabalhos.

P.: O sr. mencionou que considera Florentino Menezes precursor da Sociologia em Sergipe e que também era professor de sociologia no Atheneu. O sr. lembra de outros nomes de professores de sociologia também no Atheneu e noutras escolas de relevância?

R.: Não. Depois que ele morreu, extinguíram a cadeira de Sociologia no Atheneu e não se ensinou mais Sociologia no Atheneu. Só mais tarde é que veio a minha geração. Vimos eu e esse grupo. Não conheço outro nome que se dedicasse à Sociologia.

P.: O sr. é citado freqüentemente como um pensador católico. O seu catolicismo teve alguma influencia no seu ensino de sociologia?

R.: O peso da minha formação religiosa é que, sendo religioso de formação, lecionava destacando o pensamento católico, não no sentido de desvirtuar o pensamento sociológico para levá-lo a uma conotação

de proselitismo religioso. Mas, ao apreciar problemas como aborto, o divórcio, a eutanásia, a revolução, enfim, esses problemas que mais chocam a sociedade, sempre dava essa conotação religiosa, examinando os fatos de acordo com minha formação filosófica. Por exemplo, o aborto. Sempre combati o aborto, porque entendia que a vida merece ser respeitada e salva. Se eu combatia o homicídio, a pena de morte, eu não entendo porque como se mata um ser vivo, indefeso, que está no útero materno, que é a casa da vida. Deus e a Natureza fizeram com que o feto fosse protegido porque ele está a crescer numa posição que permita à mulher defender melhor o fruto de suas entranhas. Desde o embrião, o ser vivo é um ser que não pode ser mutilado ou destruído simplesmente porque foi concebido pelo estupro ou porque os pais não o querem por qualquer motivo (de economia ou de egoísmo) que ele venha a luz . A sociedade deve proteger esse ser e nunca destruí-lo, matá-lo. Essa era a minha posição. Combati sempre o aborto. Hoje a própria ciência está a mostrar que o feto não é parte da mulher, é um ser novo. Traz inclusive o código genético mostrando que ele está ligado a uma cadeia biológica. Não é um dedo da mulher, o clitóris da mulher, que possa ser retirado.. A mesma coisa eu digo em relação à eutanásia e ao divórcio. Por que o divórcio? Combati também o divórcio e o amor livre por causa de suas consequências sociais. Os problemas sociais que chegava a discutir e a debater nas aulas, acentuava sempre essa conotação vinculada ao pensamento católico, da escola social católica.

P.: Quais os pensadores católicos que mais influenciaram seu pensamento?

R.: Eles Herbert Parente Fortes já citado, expressão maior da intelectualidade católica da Bahia. Sob sua influência estiveram, além de mim, Guerreiro Ramos, Afrânio Coutinho e Rubem Nogueira, todos na Bahia. A influência do pensamento católico francês sobre mim veio através de Léon Bloy, Jacques Maritain, Emmanuel Maunier, responsável pela revista *Esprit*.

P.: Há uma ausência de estudos sobre as classes sociais em Sergipe.. Eu queria saber como o sr. vê as relações que se estabelecem entre as classes em Sergipe?

R.: As classes sociais em nossa sociedade têm uma estrutura hierarquizada, classe A, classe B e C, ou seja, a classe inferior, a classe média

e a classe alta. Essas classes estruturadas não são incomunicáveis. Claro que, no passado, a estratificação social era mais rígida do que hoje. Posteriormente essa estratificação foi alterada permitindo a mobilidade social. De tal modo que pessoas, através do trabalho, do estudo, do esforço, e até do casamento, pudessem ter uma ascensão social. O que se verifica - embora não se fizesse uma pesquisa sobre o assunto, não sei se pela falta de interesse - é que a terra tinha um papel muito grande na estruturação da sociedade, porque a terra dá poder... Em algumas cidades do Estado de Sergipe, dependendo da atividade econômica, a estratificação era mais ou menos rígida. Na Zona do Açúcar não havia mobilidade do direito de propriedade. A propriedade ia se passando de pai para filho, de geração a geração, sem que a terra fosse partilhada ... Em outros municípios, porém, uma facilidade maior, a terra era partilhada, e as propriedades se tornavam minifúndios, como é o caso de Itabaiana, de Lagarto- onde já estão ocorrendo certas mudanças porque o minifúndios estão sendo absorvidos. Mas em cidades como Laranjeiras, Rosário, Capela, principalmente na região do açúcar, ali as classes eram estruturadas rigidamente em função da terra. Mais tarde houve o empobrecimento dos proprietários rurais, muitos vendiam as terras aos usineiros e iam para a capital à procura de emprego para a família, ou para simplesmente viver de renda. Infelizmente o fato é que não há assim um estudo para destacar objetivamente a vinculação do poder econômico com o político, ou seja, caracterizar as classes mais altas, dominantes e que mantinham o poder político, uma vez que tinham o poder econômico. Nem estudos sobre as classes inferiores, as classes dos operários, dos trabalhadores rurais, dos empregados domésticos, dos homens sem trabalho, que ficavam na parte inferior das cidades, na periferia das cidades e as suas relações com os partidos políticos, não só reformistas, como partidos revolucionários. Partidos reformistas como PT, chamado PTB na época, e partidos revolucionários como o Partido Comunista, Partido Socialista. Não houve - nem sei se existe hoje - trabalho ou interesse do professores em fazer um levantamento dessas classes mostrando o papel e a sua importância.

P.: Fale sobre os cargos políticos que o Sr. ocupou...

R.: Fui Diretor do Serviço Público (equivalente da hoje Secretaria de Administração), no governo Maynard; Secretário da Fazenda, de Produção e de Obras Públicas, no primeiro governo de Rollemberg Leite;

Secretário do Governo (equivalente atual de Chefe da Casa Civil), no mesmo governo Rollemberg Leite; Deputado estadual pelo PSD, ao tempo em que fui líder do governo de Arnaldo Garcez; Deputado estadual durante os governos de Leandro Maciel e Luiz Garcia, exercendo a função de líder da oposição; Procurador regional do IAA (Instituto do Açúcar e do Alcool) para Bahia e Sergipe; Secretário de Educação no governo de Celso de Carvalho; Conselheiro fundador do Tribunal de Contas do Estado de Sergipe, cargo em que me aposentei compulsoriamente aos 70 anos; Chefe de Assessoria Jurídica do Tribunal de Justiça sob as presidências dos desembargadores Antônio Machado, Aloísio de Abreu e Clara Leite.



Manoel Cabral Machado